



RELICI
**A ÉTICA AMBIENTAL NOS FILMES DE ANIMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE “RIO”
E “RIO 2”¹**

Rivanna Maria Figueredo De Matos²

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar alguns aspectos sobre a representação da natureza nos filmes Rio e Rio 2, animações que abordam temáticas ambientais importantes, tais como o tráfico de animais silvestres e o desmatamento na floresta amazônica. Salienta-se a importância das animações na conscientização ambiental, atribuída ao seu alcance aos mais diversos públicos.

Palavras-chave: Filmes de animação; Ética ambiental; Tráfico de animais; Desmatamento.

ABSTRACT

The present work aims to analyze some aspects on the representation of the nature in the movies Rio and Rio 2, animated films that board important environmental themes, such as the traffic of wild animals and the deforestation in the Amazonian forest. The importance of the animated films is pointed out in the environmental awareness attributed to their reach to the most different people.

Keywords: Animated films; Environmental ethics; Animals traffic; Deforestation.

INTRODUÇÃO

Os filmes de animação integram uma indústria cinematográfica cada vez mais sofisticada e lucrativa, principalmente se tratando das produções norte-americanas. Além do faturamento advindo das salas de cinema, tornou-se comum a venda de suvenires (roupas, sapatos, brinquedos, artigos para festa, papelaria,

¹ Recebido em 26/07/2018.

² Universidade Estadual De Santa Cruz. E-mail: rivanna.fm@gmail.com.



RELICI

123

móveis, etc.) inspirados nos filmes de grande sucesso e que se tornam objetos de desejo de crianças e adolescentes.

Ao mesmo tempo, considerando o alcance dos filmes aos mais diversos telespectadores, algumas produções podem constituir ferramentas eficientes para fomentar a discussão de temas importantes, mas que ainda carecem do interesse do grande público, tais como a relação homem-natureza, aspectos socioculturais, o tráfico de animais silvestres, o desmatamento e a conservação da biodiversidade.

O cinema hoje está presente na vida das crianças e dos jovens, assim como de toda faixa etária, portanto, ele não pode ser simplesmente desconsiderado e abolido do sistema educativo, principalmente porque se consolida como um forte elemento politizador (CAVALCANTE, 2013, p. 12).

Dois exemplos desse tipo de ferramenta são os filmes de animação “Rio” (Carlos Saldanha, 2011) que concorreu na categoria melhor canção original no Oscar de 2012 e “Rio 2” (Carlos Saldanha, 2014), ambas grandes produções em computação gráfica da 20th Century Fox e Blue Sky Studios.

Apesar de terem sido produzidos nos Estados Unidos, o diretor, Carlos Saldanha é brasileiro nascido na capital carioca, que encontrou nos dois filmes a oportunidade de retratar o seu país de origem para os estrangeiros, e ao mesmo tempo abordar de forma lúdica algumas temáticas socioambientais contemporâneas e de apelo global.

Considerando a importância dessa abordagem nas animações como instrumento de reflexão e conscientização, assim como o sucesso e alcance significativo das produções, o presente ensaio busca analisar os principais aspectos socioculturais e ambientais retratados nos filmes Rio e Rio 2, além de associar o enredo e os personagens com a ética ambiental e a relação homem-natureza.

O objetivo do presente trabalho não é desqualificar os filmes como produções artísticas, tampouco fazer críticas contundentes aos famosos clichês associados aos filmes estrangeiros que retratam o Brasil; ademais, nós próprios,



RELICI

124

brasileiros, com o nosso potencial turístico e a típica hospitalidade em relação aos estrangeiros, temos o hábito de reforçar essa ideia, mostrando sempre os traços culturais mais marcantes no país, tais como o futebol, o folclore, a musicalidade e os festejos (samba, carnaval, réveillon de Copacabana), belezas naturais (florestas, praias, biodiversidade, etc.) e mais recentemente, a valorização cultural das comunidades cariocas, por meio da difusão de ritmos como o *funk* e a realização de visitas guiadas.

Assim, o trabalho se divide em três seções: a primeira traz um breve resumo do enredo dos dois filmes, descrevendo os principais pontos das histórias; a segunda faz uma avaliação dos aspectos relacionados à produção dos filmes e o imaginário estrangeiro sobre o Brasil; e a terceira seção traz uma análise mais apurada, relacionando a mensagem passada pelos dois filmes e seus personagens com questões culturais, ética ambiental e a relação homem- natureza.

DA FLORESTA DA TIJUCA À AMAZÔNIA SELVAGEM

O filme Rio começa com o personagem central, o Blu, uma ararinha-azul que foi capturada por traficantes de animais e retirada da floresta da Tijuca no Rio de Janeiro ainda filhote. Já no exterior, é acidentalmente deixada para trás pelo caminhão que a transportava e encontrada por Linda, uma criança que a adota como animal de estimação.

Passado algum tempo, Blu e Linda já adultos compartilham uma rotina típica dos norte-americanos, em uma cidadezinha fria, limpa e organizada no estado de Minnessota. A ave, totalmente adaptada ao ambiente doméstico, possui brinquedos, utiliza objetos eletrônicos e não sabe voar. Linda é proprietária de uma livraria, e Blu passa seus dias tomando chocolate quente com *marshmallows*, feliz na sua gaiola e zombando dos pássaros da rua, que não têm a mesma “sorte” que ele.



RELICI

Tudo muda quando o ornitólogo Tulio aparece na livraria afirmando que o Blu é o último da sua espécie e pedindo que Linda leve-o até o Brasil com a missão de evitar a extinção da espécie de araras (*Cyanopsitta spixii*). O cientista trabalha numa tentativa de reprodução com a Jade, fêmea resgatada e mantida em cativeiro com o objetivo de perpetuar a espécie. Chegando ao Brasil, Blu e Linda se deparam com o carnaval do Rio de Janeiro, e a ave, uma “estrangeira carioca” fica ao mesmo tempo encantada e aterrorizada com a cidade.

Por conta de um descuido, as aves são capturadas do cativeiro por Fernando, criança em situação de rua aliciada pelos traficantes de animais silvestres. Assim, a trama se desenvolve em torno da fuga das ararinhas e os demais pássaros ameaçados pelo tráfico e por Nigel, uma cacatua maldosa e temperamental criada pelos criminosos.

Seguindo o *mainstream* hollywoodiano, a história tem um final feliz: o herói Blu salva seus amigos e sua parceira Jade do tráfico de animais, aprende a voar e constrói uma família de ararinhas-azuis num santuário na floresta da Tijuca, instituído por Túlio e Linda, que se casam e adotam Fernando.

O cinema se apropriou dessa fórmula e, em geral, um filme de narrativa clássica conta a história de um herói, que busca um objetivo e tem que sair de sua cidade, numa jornada para procurar aquilo que necessita. Nesta jornada, ele vai fazer aliados, encontrar com seu mentor e lutar contra seu inimigo, transformando algo dentro de si mesmo, buscando o que precisava e voltando para sua terra, onde será reconhecido (GUEDES, 2013, p.190).

Em Rio 2, dando sequência ao primeiro filme, o Blu, Jade e seus filhotes decidem viajar até o Amazonas para encontrar Tulio e Linda, que estão numa expedição e descobrem a presença de ararinhas-azuis na região. A maior parte da produção se passa na floresta amazônica, e desta vez, o desafio do Blu não será apenas lutar contra o desmatamento, mas também se adaptar ao ambiente “selvagem” da Amazônia, ser aceito pela família da Jade e fugir das armadilhas do Nigel, que o persegue em busca de vingança.



RELICI

126

Assim como o seu antecessor, Rio 2 também tem seu final feliz, quando o empresário responsável pelo desmatamento é derrotado, o Blu e sua família passam a viver na floresta amazônica protegida graças a Tulio e Linda, aceito pela família de Jade e livre do Nigel, que passa o resto dos seus dias tentando se livrar de uma rã apaixonada.

ALGUNS ASPECTOS SOBRE O ENREDO

A história contada no primeiro filme tem como principal tema uma das principais atividades ilícitas do mundo: o tráfico de animais silvestres, que não poderia ser melhor ambientada, senão no Brasil, que por conta da sua biodiversidade, é um alvo importante para esse tipo de comércio, que ameaça a perpetuação de diversas espécies e movimenta milhares de dólares todos os anos (RENCTAS, 2001).

Mesmo tratando o tema de forma sutil, é bastante perceptível ao longo do filme a intenção de conscientizar o telespectador acerca do comércio ilegal de animais silvestres. Além disso, a representação das ararinhas-azuis (*Cyanopsitta spixii*) como protagonistas reforça essa intenção já que as mesmas já foram extintas na natureza, havendo atualmente menos de 100 exemplares criados em cativeiro no mundo. No entanto o filme comete alguns erros (visivelmente intencionais) em relação à origem das espécies retratadas, já que nenhuma delas é endêmica do Rio (LISBOA, 2012).

A *Cyanopsitta spixii*, inclusive, ocorria em algumas áreas da região nordeste. Tal equívoco apesar de bastante sutil pode provocar certa confusão, já que uma outra espécie de arara muito parecida com a retratado no filme mas que não está extinta ocorrendo em diversas regiões do Brasil: a arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) (RENCTAS, 2001). Ademais, a animação pode ser utilizada em projetos de educação ambiental, desde que esses erros sejam



RELICI

127

destacados e corrigidos durante a exibição do filme, fazendo a distinção das espécies.

Além das aves exóticas, o filme também mostra outros personagens caricatos, que contribuem para a construção de cenas cômicas, tais como o morcego, que engaiolado entre as aves a serem comercializadas deixa bem claro que não tinha motivos para estar ali: “*Armaram pra mim, pegaram o cara errado!*”, remetendo ao erro comum que muitas pessoas cometem em relação à classificação do mamífero. Também há um divertido buldogue com hipersalivação e o famoso sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), espécie que ocorre na floresta da Tijuca e é representado no filme por uma gangue e seu chefe, que constrói uma pequena coleção de objetos roubados dos turistas.

O filme RIO (2011) faz refletir sobre a imagem construída e difundida mundialmente sobre o Brasil. A representação do país pode ser pensada através de símbolos como o malandro, o futebol e o carnaval do Rio de Janeiro. [...] são enaltecidas as belezas naturais do país através de cenários mundialmente conhecidos como o Pão de Açúcar, o Corcovado e a Calçada de Copacabana. E também a rica fauna brasileira, o afeto, importância da família e a preservação das espécies. (GUEDES, 2013, p.191).

Em certa medida, a musicalidade, as belezas naturais e a cultura brasileira retratadas nos filmes, assim como a riqueza dos detalhes e a qualidade com que são representados diversos cartões postais não só do Rio, mas também de outras cidades muito visitadas (Salvador, Manaus, Ouro Preto e Brasília) dão visibilidade ao Brasil em termos de atração turística.

Vale lembrar que o lançamento de Rio e Rio 2 antecederam grandes eventos internacionais realizados no Brasil, tais como a Copa das Confederações (2013), a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas no Rio (2016). Mesmo afirmando que não foi algo intencional, Carlos Saldanha declarou em entrevista à *Época* (2010) que produzir os filmes antes de eventos importantes, foi um aspecto bastante positivo.



RELICI

128

Ao mesmo tempo, o fato da Fox (responsável pela transmissão dos dois filmes) ter comprado os direitos de transmissão dos jogos da Copa de 2014 (O GLOBO, 2013), mostra que o lançamento das produções foi bastante oportuno tanto para o processo de lançamento e divulgação das produções, quanto para a “ambientação” do público estrangeiro que visitaria o Brasil durante os eventos.

Essa ambientação pode ser percebida nas duas produções, que representam o Brasil sob o olhar do estrangeiro. Os estereótipos associados à ideia do “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza” estão sempre presentes nas cenas.

Ao mesmo tempo, os problemas sociais também são representados, a exemplo da criminalidade nas periferias associada ao tráfico de animais, o desrespeito às leis ambientais e a imagem do empresário corrupto que promove o desmatamento na Amazônia, assim como a vulnerabilidade dos jovens em situação de extrema pobreza e a sua iniciação às atividades criminosas, de forma inconsciente. No entanto, mesmo mostrando esses problemas, de maneira geral, a imagem do Brasil que se sobressai nos dois filmes é bastante positiva, como um país de rica biodiversidade e cultura, que está sempre em festa.

A ÉTICA AMBIENTAL E A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Aprofundando a análise, chega-se a duas questões importantes, que nas animações são abordadas de maneira leve, mas que têm grande relevância para a conscientização do público acerca dos problemas centrais explorados no enredo: a ética ambiental e a relação homem-natureza.

Acerca destas questões, tanto o primeiro filme com o problema do tráfico de animais, quanto o segundo, tratando do desmatamento, nos remetem às ideias sobre valor intrínseco e valor instrumental.



RELICI

Em “Rio”, a ideia de valor intrínseco está presente na relação entre a personagem Linda e a ararinha. O tratamento dado à ave está associado ao seu valor em seu próprio fim, ou seja, o afeto e a rotina compartilhada pelas duas personagens mostram que para a jovem, Blu tem valor intrínseco.

De acordo com McShane (2007), o conceito de valor intrínseco reúne quatro aspectos, que em “Rio” podem ser facilmente observados:

1° O papel distinto atribuído a determinado objeto e a sua relação na tomada de decisões morais: no primeiro momento em que o ornitólogo solicitou que a ave e a jovem fossem até o Brasil com a nobre missão de perpetuar a espécie em risco de extinção, Linda se negou a tal feito, alegando que a viagem não seria favorável à segurança da sua ararinha.

2° Como essa distinção faz com que nos preocupemos com o objeto: nos dois filmes, a jovem sempre se importou com o bem estar da sua ave, sofrendo quando a mesma foi capturada pelos traficantes.

3° Como as propriedades de determinado objeto o tornam tão valioso: para Linda, sua ave era essencial, considerando que a mesma era mais que um animal de estimação, era sua família. Tal situação pode ser observada quando a jovem se recusa a visitar sua mãe, por não confiar em ninguém para ficar com o Blu.

4° Como são definidas as propriedades de valor atribuídas ao objeto: para a jovem, Blu possuía valor em si mesmo, por ser seu companheiro presente em todos os momentos da sua vida.

Já o valor instrumental também é bem explicitado na questão do tráfico de animais: o valor dos animais capturados residia nas possibilidades associadas às suas características comercializáveis de raridade e beleza. Assim, como no desmatamento ilustrado no Rio 2, seu valor tinha causa no meio de se obter dinheiro.



RELICI

130

Por outro lado, não são apenas os criminosos que atribuem valor instrumental aos animais; ironicamente, mesmo considerando a sua ave um animal de valor intrínseco, Linda e Tulio vão até uma churrascaria na qual a americana é apresentada ao tradicional “coraçãozinho de galinha flambado”.

Outro ponto relevante, presente principalmente no enredo de Rio 2 é a relação entre o homem e a natureza: se observarmos o herói Blu, é possível perceber que por ser um animal domesticado, teme o contato com a natureza, podendo ser comparado ao ser humano, cosmopolita, que se sente pequeno e temeroso frente à grandiosidade da natureza.

No primeiro filme, em que a arara, ainda sem saber voar, se mostra insegura por passar a noite na floresta da Tijuca. No entanto, há em certa medida, a impressão de uma bela floresta que se mostra de forma “controlada”, onde as pessoas têm acesso a mirantes, a exemplo da famosa Vista Chinesa, podem interagir com saguis e praticar esportes radicais. Ou seja, é representado um ambiente perfeito para quem busca “se distanciar da civilização e entrar em contato com a natureza”.

Já no segundo filme, não só o Blu, mas os demais pássaros da Floresta da Tijuca também se mostram receosos em viajar até a floresta amazônica por conta dos “perigos” que a mesma guarda. As cenas retratam esses perigos ao utilizar o humor para fazer referência à cadeia alimentar, e à grande biodiversidade, desde animais de grande porte, como a onça e os jacarés, até os pequenos insetos. O ambiente frequentemente é citado como “Amazônia selvagem”, onde mesmo sendo retratado como um ambiente belo e vasto evidencia o imaginário da maioria das pessoas acerca da natureza, que segundo Cronon (1995) figura como algo distante, intocado, sagrado e ao mesmo tempo aterrorizante.

Portanto, mesmo apresentando algumas situações que a princípio remetem ao ecocentrismo descrito por Rolla (2012), – a exemplo da luta em prol da



RELICI

131

perpetuação das espécies e contra o desmatamento – percebe-se que os filmes reproduzem predominantemente as ideias da ética ambiental antropocêntrica, atribuindo valor ao mundo não humano de acordo com o seu grau de utilidade para os seres humanos.

Embora defendendo a conservação, é passada a impressão de que o ambiente só possui valor como algo passível de proteção se apresentar biodiversidade relevante, que atenda a certos padrões estéticos, e que tenha algum nível de utilidade, a julgar pela beleza dos animais retratados e pelo fato de que as castanheiras que sofrem desmatamento são essenciais para a sobrevivência das aves.

No entanto, ao verificar que o filme aponta a realidade da percepção humana mais difundida sobre a natureza, a ação antrópica é um aspecto a ser destacado. Considerada a causa dos problemas ambientais, mas ao mesmo tempo, desvinculada da ideia do que é natural, como se em toda a história das civilizações, os seres humanos sempre estiveram em um habitat restrito ao concreto armado, usufruindo o meio ambiente de maneira predatória. Tal maneira, no que concerne ao tráfico de animais e a degradação das florestas nativas, pode se estabelecer uma associação à abordagem classista na qual

[...] num extremo da estrutura social, os grupos de poder empenham-se desenfreadamente no processo de acumulação de bens para manter seu prestígio e poder. Em outro extremo estão os que se debatem para a sobrevivência. Nos dois lados, predomina a preocupação imediatista com relação ao uso dos recursos e à qualidade de vida das sociedades futuras. Assim, uma sociedade marcada pela desigualdade social estará sempre marcada por elevado nível de risco de degradação dos recursos (TREVIZAN, 2011, p73).

Ao mesmo tempo, é possível relacionar o processo de degradação ambiental mostrado à Psicologia Ambiental, principalmente no que diz respeito às condições de vida nas periferias do Rio de Janeiro. Segundo TREVIZAN, essa abordagem



RELICI

132

[...] ocupa-se da relação das pessoas com o ambiente construído ou natural, com a influência dos vários ambientes no comportamento humano e com o processo de aprendizagem das pessoas, torna-se área do conhecimento relevante a ser considerada, para se entender as relações socioambientais, das quais fazem parte as relações de degradação, tanto dos componentes naturais e culturais, quanto das condições de vida humana. (TREVIZAN, 2011, p77).

Assim, a degradação ambiental associada a uma estrutura de classes desigual, tem como uma de suas principais consequências a mudança na configuração das áreas urbanas, levando à expansão das áreas periféricas, com precárias condições de vida. Tais condições, por sua vez, restringem as oportunidades aos jovens, elevando os índices de violência e alimentando o ciclo de problemas socioambientais, como no caso do comércio ilegal.

A julgar pela importância política com que as Ciências Ambientais e as questões relacionadas à sustentabilidade vêm se apresentando nas últimas décadas. Já temos noção de quão destrutiva pode ser a ação humana, acentuada drasticamente a partir da fase industrial do modo de produção capitalista.

Segundo Zalasiewicz e Williams (2008), considerando as mudanças ambientais globais, diversas evidências apontam para o Antropoceno como o período geológico atual, ou seja, uma época em que as condições de vida na Terra estão associadas principalmente à interferência humana. Dessa maneira, é iminente que essa interferência caminhe em sentido contrário à degradação ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As animações analisadas podem ser bons instrumentos a serem utilizados em projetos de educação sobre o meio ambiente, ao tratar de maneira simples os problemas ambientais tão recorrentes no Brasil, por trás de um enredo bem construído, cheio de ação e performances musicais.

Ao mesmo tempo em que se exalta um país de rara beleza, a moral da história reforça que os espectadores de todas as idades devem se sentir



RELICI

responsáveis pela construção de uma sociedade ecologicamente consciente (LOPES, 2017).

Para que isso se torne possível, é preciso promover uma mudança de paradigma acerca da relação humana com o meio natural, que é bastante reproduzida não só nos dois enredos aqui citados, mas também em tantos outros filmes e documentários que retratam de alguma maneira o lugar (des)ocupado pelo ser humano na natureza.

Assim na visão antropocêntrica o conceito de natureza tem uma tendência de não abarcar o ser humano, são coisas distintas onde a relação resulta de uma harmonia construída por um altruísmo do ser humano. Ao ecocentrismo, na busca de um ambiente equilibrado, cabe a tarefa de conscientizar a sociedade sobre o valor intrínseco da natureza que deve ser tratada então como um fim em si mesma e não instrumentalmente, como um meio. [...] o uso dos bens ambientais não pode ser centrado apenas nos desejos humanos e sim na interpretação da importância dos entes em relação que compõem o ambiente (ROLLA, 2010, p.28).

Em síntese, é importante discutir esse aspecto de forma associada à sustentabilidade, já que o entendimento acerca da utilização os recursos naturais de maneira que não comprometa as gerações futuras deve ser acompanhado de uma “endogenização” da natureza pela sociedade, principalmente nas áreas mais urbanizadas. A humanidade precisa considerar e praticar a ideia de que antes mesmo de nos concentrar mais nos modernos centros urbanos, somos em primeiro lugar, parte integrante da biosfera.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, C. E G. **Análise e utilização do filme Rio em sala de aula como estratégia de identificação, abordagem e discussão do tema biopirataria com alunos do ensino fundamental e médio.** (Monografia). UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

CRONON, W. **The Trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature.** Uncommon Ground: Rethinking the Human Place in Nature, New York: W. W. Norton & Co. 1995.



RELICI

ÉPOCA. Entrevista, Nov 2010. **Carlos Saldanha: “Fazer um filme sobre o Brasil era um sonho antigo”**. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI222719-15220,00.html>> Acesso em: 01 jun 2018.

GUEDES, B. M. **Identidade nacional brasileira na narrativa do filme Rio**. Textura Canoas n.28 p.99-110 maio/ago. 2013

LISBOA, I. A. **O uso do desenho animado como recurso didático- Filme Rio**. (Monografia). UnB Planaltina, Brasília, 2012.

LOPES, R. F.; NOGUEIRA, W. S.; BAPTISTA, M. L. C. **Imaginário, Cinema e Turismo: Uma Viagem por Clichês Culturais Associados ao Brasil, no Filme Rio**. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, 9(III), pp. 377-388, jul-set, 2017.

McSHANE, K. **Why Environmental Ethics Shouldn't Give Up on Intrinsic Value**. Environmental Ethics, vol. 29(1), pp. 43-61, Spring, 2007.

O GLOBO. Ago 2013. **“TV Globo passa à Fox licença para transmissão da Copa de 2014”**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/tv-globo-passa-fox-licenca-para-transmissao-da-copa-de-2014-9503971>> Acesso em: 29 mai 2018.

RENCTAS. Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. **1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre, 2001**. Disponível em: <http://www.renctas.org.br/wpcontent/uploads/2014/02/REL_RENCTAS_pt_final.pdf> Acesso em: 25 mai 2018.

RIO. Carlos Saldanha. Estados Unidos. Animação. 96 min. 2011.

RIO 2. Carlos Saldanha. Estados Unidos. Animação 108 min. 2014.

ROLLA, F. G. **Ética ambiental: principais perspectivas teóricas e a Relação homem-natureza**. Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

TREVIZAN, S. D. P. **Para compreender as relações sociedade-natureza e os processos de degradação Ambiental**. Revista Eletrônica do Prodepa, Fortaleza, v. 6, n.1, p. 68-83, mar. 2011. ISSN 1982-5528.



RELICI

135

ZALASIEWICZ, J.; WILLIAMS, M. **Are we now living in the Anthropocene?** GSA Today: v. 18, no. 2, 2008.